

Uma trança verde e castanha

Inês Ataíde Gomes, Portugal

A janela da sala da casa grande está virada a sul, as vidraças estão abertas e uma aragem quente faz entrar o verão, que nestas paragens é seco e adocicado, arrastando consigo o pó da terra vermelha e barrenta. Os cheiros, que aprendeu a reconhecer, são a figo e alfarroba, e o som o dos pássaros e cigarras que no seu frenesim emitem um trinado hipnótico, que parece contaminar o vasto vazio desta paisagem rural do sul de Portugal.

Lá fora um cão ladra e faz com que Ophelia desperte do seu alheamento.

Tem acontecido muitas vezes dar consigo de olhar perdido e pensamento ausente; não sabe, ou não consegue (que diferença há entre um e outro?), dar conta do tempo que passa. É que as horas, os dias, as semanas perderam o seu carácter organizador e constante. Há uma ligação entre o dentro e o fora que se perdeu, ou ter-se-á ela perdido de si própria?

Às vezes parece que foi ainda ontem que saiu da sua casa nos arredores de Odessa, com a caixa do violino a tira-colo. Tinha acabado de trocar a alça pela que Natacha tinha feito para ela, com fitas entrelaçadas de couro verde e castanho. Farrapos de nuvens brancas brincavam no céu de inverno, e o vento de um frio cortante nada podia contra o sorriso que ostentava. Estava ingénua e genuinamente enamorada. Natacha tinha-se entranhado na sua vida como se sempre lá tivesse estado, demoravam-se uma na outra como se não soubessem onde terminava o corpo de uma e começava o da outra, a nudez branca de Ophelia, com os olhos verdes sempre curiosos e as mãos com dedos esguios e ávidos encontrava refúgio no colo quente e sereno, cor de ébano, de Natacha. Verde e castanho entrelaçados nas tiras de couro que levaria consigo para todo o lado.

Parece que foi ontem e ao mesmo tempo há um fosso no tempo, como se fosse impossível que esta história alguma vez tenha sido a dela.

Aconteceu tudo tão depressa.

O ataque russo.

Ophelia pergunta-se muitas vezes se o estar tão apaixonada fez com que tivesse ficado cega e incapaz de se aperceber da monstruosidade inominável que espreitava mesmo ali ao lado.

A mobilização do pai e do irmão.

Yaroslav tem apenas 19 anos, Ophelia não consegue imaginá-lo sozinho, numa guerra escura e suja, a pegar numa arma. É o seu irmão, com quem ficava a ver filmes noite dentro, com quem fazia lutas de água nos dias quentes de verão, que em pequeno ficava horas a fio a vê-la praticar no violino as sonatas de Bach, os caprichos de Paganini ou o Poème de Chausson. A dúvida sobre se o voltará a ver desmembra-a, provoca uma dor tão aguda e profunda que lhe tira o ar. É um não pensamento, um buraco negro que suga a sua sanidade. Pensar em Yaroslav aciona um botão qualquer que não sabia que tinha e fica em modo off, num alheamento defensivo de quem não consegue incorporar uma informação tão dissonante.

O alistamento da Natacha.

Natacha, Natacha, Natacha. Talvez repetir o seu nome vezes sem conta a traga de volta. Ou, pelo menos, que traga por momentos a ingenuidade e a eternidade do amor que viveu com ela. Mas a dor de o fazer é insuportável. A lealdade e hombridade de Natacha fizeram com que não hesitasse e se alistasse de imediato. Quatro dias, em quatro dias apenas... quatro dias foram o tempo em que Natacha se fez guerreira, em que a ternura dos seus braços, a doçura dos seus olhos, a força das suas pernas, e a firmeza das suas decisões, a mantiveram viva na puta desta guerra.

Depois foi o bombardeamento.

A casa destruída.

O comboio de refugiados.

As organizações humanitárias.

E Ophelia perdida. Perdida de si mesma. A deixar-se levar.

Outros, não sabe quem, foram tomando decisões por ela.

Alhear-se!

Fugir!

Tornar-se dormente!

Morrer!

Sobreviver?

Nem reagiu quando um dia o seu violino, na sua caixa com a alça de um entrançado de couro verde e castanho, desapareceu de junto do seu catre.

Um dia, a seguir outro, e mais um dia.

Voluntários para seguir para Portugal?

Onde é Portugal?

Levanta a mão.

Decide ser como Natacha. Tomar decisões. Fazer escolhas. Sente uma necessidade imperiosa de ter um lugar. Um qualquer. Em qualquer sítio. Longe da desorganização interna que lhe provoca a eficiente organização do campo de refugiados. Há de tudo à sua volta. Mães com filhos, casais idosos, crianças sozinhas, mulheres, muitas mulheres. Parecem um formigueiro moroso, com tarefas definidas, muitas formigas obreiras, eficientes, ordeiras. Um formigueiro a que administraram uma dose de uma droga qualquer que torna todos os seus elementos dormentes. É impossível, daqui, olhar com precisão o monstro devorador que ceifa indiscriminadamente vidas inteiras; é impossível avaliar a profundidade dos abismos que se escavam por dentro pelos lutos inacessíveis, e pelas infâncias roubadas. Há uma semente de insegurança que se espalha como o vento, silenciosa e invisível, e atinge tudo e todos independentemente da língua que falem. Falam-se ali tantas línguas, mas é perigoso, demasiado perigoso, falar a língua dos afectos profundos. Esses ficarão, com sorte e apenas para alguns que o consigam, para serem ditos mais tarde.

Olha pela janela da casa grande.

Dizem que este é um ano de seca extrema em Portugal. Ophelia não conheceu outros verões lusos, por isso pode apenas comparar o que vê com as reminiscências das suas memórias da Ucrânia. Os campos secos trazem ecos das cores dos campos de cereais que via nas viagens de carro quando ia visitar a família da mãe em Kiev. Quilómetros e quilómetros de searas. Esses eram campos cheios de vida, de fartura, de futuro, lembra-se - ou talvez apenas imagine porque a memória é agora muito traiçoeira - da tonalidade que ganhavam quando o sol começava a descer no horizonte, e tudo se banhava de ouro, como se estivessem num conto de fadas.

O que vê da janela carece de vitalidade. Parece-lhe tudo demasiado árido, demasiado vão. Sabe que talvez seja o seu olhar que carece de esperança. Esta não é a sua terra. Esta não é a sua vida. Está a viver um parêntesis. A limpar a casa grande, com lealdade e hombridade (diria Natacha) com estas mãos que há muito não tocam num violino.

É isso que faz. Limpa a casa grande.

A pouco e pouco, Ophelia foi-se habituando a recordar Natacha, agarrou-se a ela, é assim mesmo que sente, que se agarrou a ela e não à lembrança dela, como tábuas de salvação. Quer ser como ela, incorpora-a, às vezes chega a estranhar ver a sua pele muito branca reflectida no espelho de corpo inteiro do quarto principal da casa grande. A imagem reflectida desmente o que o coração sente, que a sua pele se tornou negra, que se transmutou no ser amado, que a sua pele devia ser da cor quente da terra, e os seus olhos do acolhedor castanho. Diriam que está louca, talvez. Não quer saber. Não interessa como a vêm. Os espelhos para ela há muito que se tornaram prescindíveis, do mesmo modo que são inúteis os espelhos quando não há o olhar de alguém que a ame e reconheça.

Mais uma vez o olhar se perde, e o pensamento fica à deriva, desta feita está já na cozinha cuja porta para a rua está invariavelmente aberta. Raramente chove, lá está a tal seca de que tanto se fala, e assim

sempre vai circulando o ar. Nas traseiras da casa grande há amendoeiras e oliveiras. Não consegue deixar de pensar que são árvores rudes, de troncos ressequidos, folhas pequenas e escuras e que dão frutos igualmente pequenos e escuros. Está a aprender a conhecer o lugar que a acolheu. E foi quase uma questão de sobrevivência ir ganhando o hábito de dar atenção àquilo que a rodeia, precisa do real, de se ligar ao mundo, ao prático e pragmático. Um dia a seguir ao outro. Apanha-se num sorriso quando recorda que, da primeira vez que visitou a casa grande, as amendoeiras ainda estavam em flor, e as árvores assim, despidas de folhas, e carregadas de brancas flores, mais pareciam pintalgadas de neve. Talvez houvesse um bocadinho de Ucrânia em todo o lado, se o soubesse procurar. Nunca pensou que se pudesse ter tantas saudades do frio.

Os sorrisos assim espontâneos são raros. Como sorrir sem saber de Yaroslav e do pai?

É mais difícil pensar nos vivos do que em Natacha. Natacha existe como parte de um passado. Mesmo que sinta o corpo desvitalizado e desinvestido, não consegue sequer evocar o prazer do toque daquele corpo que amou tantas vezes. Sabe que amou e foi amada, e encontra algum conforto, doce e doloroso, nesse pensamento. Já os vivos, não consegue conceber as provações porque estarão a passar, a inocência que perdem, as atrocidades que cometem e de que são vítimas. Quem será o seu irmão quando tudo isto terminar?

De volta à terra. O chão da cozinha precisa de ser lavado antes de terminar as tarefas do dia. A água lava tudo, até a alma. Sorri de novo. Parece que se está a tornar mais fácil sorrir, e esta constatação tem um sabor agri-doce.

O trabalho está terminado por hoje.

Mete a chave na fechadura e dá duas voltas.

Estão juntas as chaves da casa grande e as do quarto que lhe arranjaram numa pensão simpática com quartos térreos e com saída direta para a rua.

O porta-chaves fê-lo Ophelia, um entrançado de fitas de couro verdes e castanhas.